

A DÁDIVA DO AMOR

Martin Luther King Jr.

*Tradução
Claudio Carina*

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Martin Luther King Jr., 2012
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Título original: *A Gift of Love*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Erika Nakahata
Revisão: Vivian Miwa Matsushita e Laura Vecchioli
Diagramação e capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

King, Martin Luther, 1929-1968
A dádiva do amor / Martin Luther King Jr.; tradução de Claudio Carina. -- São Paulo: Planeta, 2020.
240 p.

ISBN 978-65-5535-177-4

1. Martin Luther King Jr. - Sermões 2. Batistas
- sermões I. Título II. Carina, Claudio

20-4165

CDD 252.061

Índices para catálogo sistemático:

1. Sermões

The title of the Work shall appear beneath the Portuguese-language title or on the back of the title page of every copy issued. This provision is an integral part of this agreement and the permission to publish granted by the Proprietor is conditioned upon the printing of the correct copyright notice, as follows:© (year of the original US publication) by Martin Luther King, Jr.

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

Introdução 9

Reverendo dr. Raphael Gamaliel Warnock

Introdução da edição de 1981 15

Coretta Scott King

Nota sobre o texto 21

Prefácio 23

Martin Luther King Jr.

UM 27

Uma mente rigorosa e um coração sensível

DOIS 37

Um não conformista transformado

TRÊS 49

Sobre ser bom com o próximo

QUATRO 62

Amor em ação

CINCO 75

Amar seus inimigos

SEIS 87

Uma batida na porta à meia-noite

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SETE 101

O homem que era um tolo

OITO 113

A morte do mal na praia

NOVE 127

Sonhos despedaçados

DEZ 141

Nosso Deus é capaz

ONZE 153

Antídotos para o medo

DOZE 169

A resposta a uma pergunta desconcertante

TREZE 182

Carta de Paulo aos cristãos americanos

CATORZE 193

Peregrinação à não violência

QUINZE 205

O instinto maior do tambor

DEZESSEIS 220

As três dimensões de uma vida completa

Fontes 236

UM

**UMA MENTE RIGOROSA E UM
CORAÇÃO SENSÍVEL**

*Portanto, sede sensatos como as serpentes
e inofensivos como as pombas.*

Mateus 10:16

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Um filósofo francês disse: “Nenhum homem é forte se não tiver em seu caráter antíteses fortemente demarcadas”. O homem forte mantém uma combinação viva de opostos fortemente demarcados. Não é comum os homens conseguirem esse equilíbrio de opostos. Os idealistas em geral não são realistas, e os realistas em geral não são idealistas. Os militantes não costumam ser conhecidos por serem passivos, nem os passivos por serem militantes. Raras vezes os humildes são assertivos ou os assertivos são humildes. Mas o melhor na vida é uma síntese criativa de opostos em harmonia frutífera. O filósofo Hegel disse que a verdade não é encontrada nem na tese nem na antítese, mas em uma síntese que reconcilie as duas.

Jesus reconheceu a necessidade de combinar opostos. Ele sabia que seus discípulos enfrentariam um mundo difícil e hostil, que confrontariam a recalcitrância de governantes políticos e a intransigência dos protetores da velha ordem. Sabia que estariam diante de homens frios e arrogantes, com corações endurecidos pelo longo inverno do tradicionalismo. Então ele lhes disse: “Eis que eu vos envio como ovelhas ao meio de lobos”. E forneceu uma fórmula para a ação: “Portanto, sede sensatos como as serpentes e inofensivos como as pombas”.³ É bem difícil imaginar uma pessoa tendo, ao mesmo tempo, as características da serpente e as da pomba, mas é o que Jesus espera. Devemos combinar a prudência da serpente com a suavidade da pomba, uma mente rigorosa com um coração sensível.

³ No original, não foram listadas algumas referências bíblicas, que aparecerão indicadas em nota de rodapé nesta edição. Essa citação, por exemplo, está na Bíblia, em Mateus 10:16. (N. E.)

I

Vamos considerar, primeiro, a necessidade de uma mente rigorosa, caracterizada por um pensamento incisivo, uma avaliação realista e um julgamento decisivo. Uma mente rigorosa é afiada e penetrante, rompe a crosta de lendas e mitos e separa o verdadeiro do falso. O indivíduo de mente rigorosa é astuto e perspicaz. Tem uma característica forte e austera, que garante firmeza de propósito e solidez de compromisso.

Quem duvida que esse rigor da mente seja uma das maiores necessidades humanas? Raras vezes encontramos homens que preferem se engajar em pensamentos rigorosos e sólidos. Existe uma busca quase universal por respostas fáceis e soluções precipitadas. Nada incomoda mais algumas pessoas do que ter de pensar.

Essa tendência predominante à permissividade explica-se pela inacreditável credulidade do homem. Considerem nossa atitude em relação aos anúncios publicitários. Somos facilmente levados a comprar um produto porque um anúncio na televisão ou no rádio afirma ser melhor que qualquer outro. Os anunciantes há muito descobriram que a maioria das pessoas tem uma mente permissiva e capitalizam essa suscetibilidade por meio de slogans habilidosos e eficazes.

Essa credulidade indevida também pode ser vista na tendência de muitos leitores a aceitar a palavra publicada pela imprensa como a verdade final. Pouca gente percebe que mesmo nossos canais autênticos de informação — a imprensa, a tribuna e, em muitos casos, o púlpito — não nos oferecem uma verdade objetiva e imparcial. Poucas pessoas têm clareza mental para julgar criticamente e diferenciar o verdadeiro do falso, o fato da ficção. O tempo todo nossa mente é invadida por legiões de meias verdades,

preconceitos e fatos falsos. Uma das grandes premências da humanidade é se postar acima desse lamaçal de propagandas falsas.

Indivíduos permissivos tendem a acreditar em todos os tipos de superstição. Sua mente é invadida o tempo todo por temores irracionais, que variam do medo da sexta-feira 13 ao medo de um gato preto atravessando a rua. Ao usar o elevador de um dos grandes hotéis da cidade de Nova York, notei pela primeira vez que não havia o décimo terceiro andar — o décimo quarto andar se seguia ao décimo segundo. Ao perguntar ao ascensorista o motivo dessa omissão, ele respondeu: “Essa prática é seguida pela maioria dos grandes hotéis por causa do medo de muita gente de se hospedar no décimo terceiro andar”. Em seguida, ele acrescentou: “A verdadeira tolice desse medo está no fato de o décimo quarto andar ser na realidade o décimo terceiro”. Tais temores deixam uma mente permissiva abatida durante o dia e atormentada durante a noite.

O homem permissivo sempre teme a mudança. Sente segurança no status quo e tem um medo quase mórbido do novo. Para ele, a maior dor é a dor de uma nova ideia. Um idoso segregacionista do Sul teria dito: “Agora percebo que a dessegregação é inevitável. Mas rezo a Deus para que isso não aconteça antes de eu morrer”. A pessoa permissiva sempre quer cristalizar o momento e manter a vida sob o jugo restritivo da mesmice.

A permissividade normalmente permeia a religião. É por isso que a religião às vezes rejeita uma nova verdade com uma paixão dogmática. Por meio de decretos e intimidações, inquisições e excomunhões, a igreja tentou prorrogar a verdade e colocar uma impenetrável muralha de pedra no caminho daqueles que a buscam. A crítica histórico-filológica da Bíblia é considerada por mentes permissivas como uma blasfêmia, e a razão costuma ser vista como o exercício de uma faculdade corrupta. Pessoas de mente permis-

siva revisaram as Bem-aventuranças para significar: “Abençoados são os pobres em espírito, porque deles é o reino do céu”.⁴

Isso também levou a uma crença generalizada de que existe um conflito entre ciência e religião. Mas não é verdade. Pode haver um conflito entre religiosos permissivos e cientistas rigorosos, mas não entre ciência e religião. Seus respectivos mundos são diferentes, seus métodos são distintos. A ciência investiga; a religião interpreta. A ciência dá ao homem o conhecimento do que é o poder; a religião dá ao homem a sabedoria do que é o controle. A ciência lida basicamente com fatos; a religião, com valores. As duas não são rivais. São complementares. A ciência impede que a religião se afunde no vale do irracionalismo imobilizador e do obscurantismo paralisante. A religião impede a ciência de cair no pântano do materialismo obsoleto e do niilismo moral.

Não precisamos procurar muito longe para detectar os perigos da permissividade. Ao capitalizar mentes permissivas, ditadores levaram homens a atos de barbárie e terror impensáveis numa sociedade civilizada. Adolf Hitler percebeu que a permissividade era tão predominante entre seus seguidores que declarou: “Uso a emoção para muitos e reservo a razão para poucos”. Em *Minha luta*, ele afirmou:

Por meio de mentiras astutas, repetidas incessantemente, é possível fazer as pessoas acreditarem que o céu é o inferno — e que o inferno é o céu [...]. Quanto maior a mentira, mais facilmente se acreditará nela.

A permissividade é uma das causas básicas do preconceito racial. Uma pessoa de mente rigorosa sempre analisa os fatos antes de chegar a conclusões; em suma, ela pós-julga. Uma pessoa de mente permissiva chega a uma conclusão antes de analisar o primeiro fato,

4 Essa citação é de Mateus 5:3. (N. T.)

ou seja, ela pré-julga e é preconceituosa. O preconceito racial é baseado em temores infundados, desconfiança e mal-entendidos. Há aqueles com mente tão permissiva que acreditam na superioridade da raça branca e na inferioridade da raça negra, apesar das rigorosas pesquisas de antropólogos que revelam a falsidade dessa noção. Há pessoas permissivas que argumentam que a segregação racial deve se perpetuar porque os negros ficam para trás nos padrões acadêmicos, de saúde e morais. Não têm perspicácia para perceber que esses padrões de desempenho são o resultado da segregação e da discriminação. Não reconhecem que é racionalmente infundado e sociologicamente insustentável usar os efeitos trágicos da segregação como argumento para sua continuidade. Muitos políticos do Sul sabem dessa doença da permissividade que acomete seu eleitorado. Com um zelo insidioso, fazem inflamadas declarações e disseminam distorções e meias verdades que insuflam temores anormais e antipatias mórbidas na mente de brancos desprivilegiados e sem instrução, deixando-os tão confusos que são levados a atos de maldade e violência que nenhuma pessoa normal cometeria.

Há pouca esperança para nós enquanto não nos tornarmos lúcidos o bastante para nos libertarmos dos grilhões do preconceito, das meias verdades e da ignorância absoluta. As condições do mundo atual não nos permitem o luxo da permissividade. Um país ou uma civilização que continua a produzir homens de mente permissiva está comprando à prestação sua própria morte espiritual.

II

Mas não devemos nos contentar em apenas cultivar uma mente rigorosa. O evangelho também exige um coração sensível. Rigor sem sensibilidade é uma coisa fria e distante, que mantém a vida em um inverno perpétuo, sem a calidez da primavera e o calor ameno do verão. O que é mais trágico do que ver uma pessoa que

se alçou à disciplina do rigor, mas que ao mesmo tempo mergulhou nas trevas da severidade?

A pessoa com um coração endurecido nunca ama de verdade. Ela se envolve em um utilitarismo grosseiro, que avalia os outros basicamente de acordo com a serventia deles. Nunca usufrui da beleza da amizade, pois é fria demais para sentir afeição pelo outro, e egocêntrica demais para compartilhar a alegria e a tristeza com o outro. Torna-se uma ilha isolada. Nenhuma demonstração de amor a liga ao continente da humanidade.

A pessoa de coração endurecido carece da capacidade de uma compaixão genuína. É indiferente às dores e aflições de seus irmãos. Todos os dias passa por homens infelizes, mas nunca os vê realmente. Doa dinheiro a uma instituição de caridade que cumpre seu papel, mas não dá nada do seu espírito.

O indivíduo de coração endurecido nunca vê as pessoas como pessoas, mas como meros objetos ou engrenagens impessoais numa roda sempre em movimento. Na imensa roda da indústria, vê os homens como mão de obra. Na roda das massas que vivem em uma grande cidade, vê os homens como dígitos numa multidão. Na roda mortal da vida militar, vê os homens como números num regimento. Esse indivíduo despersonaliza a vida.

Muitas vezes Jesus ilustrou as características dos que têm o coração endurecido. O tolo rico foi condenado não porque não tinha uma mente rigorosa, mas por não ter um coração sensível. A vida para ele era um espelho no qual só via a si mesmo, não uma janela através da qual poderia enxergar outros indivíduos. O homem rico foi para o inferno não por ser rico, mas por não ser sensível o suficiente para ver Lázaro, e por não fazer nenhuma tentativa a fim de transpor o abismo entre ele e seu irmão.

Jesus nos lembra que uma boa vida combina a astúcia da serpente com a suavidade da pomba. Quem tem as características da serpente sem possuir as da pomba não tem compaixão, é mesqui-

nho e egoísta. Quem possuir as características da pomba sem possuir as da serpente é sentimental, fraco e sem rumo. Precisamos combinar antíteses fortemente demarcadas.

Nós, como negros, temos de reunir uma mente rigorosa e um coração sensível se quisermos avançar de forma criativa em direção à meta da liberdade e da justiça. Indivíduos de mente permissiva entre nós acham que a única maneira de lidar com a opressão é se ajustando a ela. Eles aquiescem e se resignam à segregação. Preferem continuar oprimidos. Quando Moisés libertou os filhos de Israel da escravidão do Egito para conduzi-los à liberdade da Terra Prometida, descobriu que os escravizados nem sempre são receptivos aos seus libertadores. Preferem aguentar os males que sofrem, como mencionou Shakespeare, a fugir e enfrentar males que desconhecem. Preferem as “panelas de carne do Egito”⁵ às provocações da emancipação. Mas essa não é a saída. A aquiescência da mente permissiva é covarde. Meus amigos, não podemos ganhar o respeito dos brancos do Sul, nem de lugar nenhum, se estivermos dispostos a trocar o futuro dos nossos filhos por nosso conforto e nossa segurança. Além disso, devemos entender que aceitar passivamente um sistema injusto é cooperar com esse sistema e, portanto, se tornar cúmplice de seus malefícios.

E há entre nós indivíduos de coração endurecido e amargo que combateriam o oponente com violência física, corroídos pelo ódio. A violência gera apenas vitórias temporárias; ao criar muito mais problemas sociais do que soluções, a violência nunca resulta numa paz permanente. Estou convencido de que, se sucumbirmos à tentação de recorrer à violência em nossa luta pela liberdade, as gerações vindouras serão as vítimas de uma longa e desolada noite de amargura, e nosso principal legado para elas será um reinado interminável de caos. Uma Voz, ecoando pelos corredores do tempo,

⁵ Expressão usada em Êxodo 16:3. (N.T.)

diz a todos os intemperados como Pedro: “Coloca a tua espada na bainha”. A história está repleta de ruínas de nações que não seguiram o mandamento de Cristo.

III

Um terceira via está aberta à nossa busca pela liberdade: a resistência não violenta, que combina a mente rigorosa com o coração sensível, evitando a complacência e a inação das mentes permissivas e a violência e o ressentimento dos corações endurecidos. Minha convicção é que esse método deve guiar nossas ações na crise atual das relações raciais. Por meio da resistência não violenta, seremos capazes de nos opor ao sistema injusto e, ao mesmo tempo, amar os que mantêm esse sistema. Devemos trabalhar apaixonada e incansavelmente por nossa plena estatura como cidadãos, mas que nunca se diga, meus amigos, que para conquistá-la nós usamos os métodos inferiores de falsidade, malícia, ódio e violência.

Eu não poderia concluir sem aplicar o significado do texto à natureza de Deus. A grandeza de nosso Deus reside no fato de ele ter ao mesmo tempo uma mente rigorosa e um coração sensível. Ter tanto características de austeridade como de generosidade. A Bíblia, sempre clara ao enfatizar os dois atributos de Deus, expressa a mente rigorosa em sua justiça e sua ira, e o coração sensível em seu amor e sua graça. Deus tem dois braços estendidos. Um é forte o bastante para nos cercar com sua justiça, e o outro, generoso o suficiente para nos abraçar com sua graça. Por um lado, Deus é um Deus de justiça, que castigou Israel por seus atos de desobediência, e por outro é um pai que perdoa, cujo coração se encheu de uma alegria indizível quando o príncipe retornou à casa.

Sou grato por venerarmos um Deus que é ao mesmo tempo rigoroso e sensível. Se Deus fosse apenas rigoroso, seria um despota frio e sem compaixão sentado num céu distante “a tudo con-

templando”, como diz Tennyson em “O palácio da arte”. Seria o “motor imóvel” de Aristóteles, conhecedor de si mesmo, mas sem amar os outros. Mas, se tivesse apenas o coração sensível, Deus seria condescendente e sentimental demais para intervir quando as coisas dão errado, e incapaz de controlar o que fez. Ele seria como o Deus amável de H. G. Wells em *God, the Invisible King* [Deus, o rei invisível], que gostaria muito de fazer um mundo bom, mas se vê impotente diante dos afluentes poderes do mal. Deus não tem um coração endurecido nem uma mente permissiva. Tem o rigor necessário para transcender o mundo, e o coração sensível necessário para viver nele. Deus não nos deixa sós em nossas agonias e lutas. Ele nos busca nos lugares mais sombrios e sofre por nós e conosco em nossa trágica prodigalidade.

Às vezes precisamos saber que o Senhor é um Deus de justiça. Quando gigantes adormecidos da injustiça surgem na Terra, precisamos saber que existe um Deus de poder capaz de ceifá-los como se fossem grama e deixá-los definhar como ervas daninhas. Quando nossos esforços mais incansáveis falham em impedir a onda crescente de opressão, precisamos saber que neste universo existe um Deus cuja força incomparável é um contraste adequado à fraqueza sórdida do homem. Mas também há momentos em que precisamos saber que ele é um Deus de amor e misericórdia. Quando somos açoitados pelos ventos frios da adversidade e assolados pelas tempestades furiosas da desilusão, quando nos perdemos em algum país longínquo e destrutivo por causa de nossa loucura e de nossos pecados, quando nos vemos frustrados devido a um estranho sentimento de orfandade, precisamos saber que existe Alguém que nos ama, que cuida de nós, que nos entende e que nos dará uma nova chance. Quando os dias escurecem e as noites se tornam lúgubres, podemos agradecer ao nosso Deus por combinar em sua natureza uma síntese criativa de amor e justiça, que nos conduzirá pelos vales sombrios da vida e pelos ensolarados caminhos da esperança e da realização.

DOIS

UM NÃO CONFORMISTA TRANSFORMADO

Não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação da vossa mente.

Romanos 12:2

“Não se conformar” é um conselho difícil para uma geração cujo espírito e cujos pés foram condicionados pela pressão das massas a marchar sob as batidas rítmicas do status quo. Muitas vozes e forças nos instam a escolher o caminho da resistência mínima e nos ordenam a jamais lutar por uma causa impopular e a nunca fazer parte de uma patética minoria de dois ou três.

Mesmo alguns de nossos ensinamentos intelectuais nos convencem da necessidade de nos conformarmos. Alguns sociólogos filosóficos sugerem que a moralidade é meramente o consenso de um grupo, e que os costumes são as maneiras corretas. E há psicólogos que dizem que a adaptação mental e emocional é a recompensa por pensar e agir como os outros.

Sucesso, identificação e conformidade são as palavras-chave do mundo moderno, em que todos parecem almejar a segurança anestésica de se identificar com a maioria.

I

Apesar da tendência predominante de nos conformarmos, como cristãos, temos um mandamento de não conformismo. O apóstolo Paulo, que conhecia as realidades internas da fé cristã, aconselhou: “Não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação da vossa mente”. Somos convocados a ser pessoas de convicção, não de conformidade; de nobreza moral, não de respeitabilidade social. Somos ordenados a viver de maneira diferente e de acordo com uma lealdade de nível mais alto.

Todo verdadeiro cristão é um cidadão de dois mundos, o mundo do tempo e o mundo da eternidade. Paradoxalmente, estamos no mundo, mas não somos do mundo. Aos cristãos filipenses, Paulo escreveu: “A nossa cidadania está nos céus”. Eles entenderam o que o apóstolo quis dizer, pois a cidade de Filipos era uma colônia de Roma. Quando Roma queria romanizar uma província, estabelecia uma pequena colônia de pessoas que viviam segundo as leis e os costumes romanos e que, embora estivessem em outro país, mantinham sua aliança com Roma. Essa minoria poderosa e criativa disseminava os cânones da cultura romana. Ainda que a analogia seja imperfeita — os colonos romanos viviam em uma estrutura de injustiça e exploração, isto é, o colonialismo —, o apóstolo aponta para a responsabilidade dos cristãos de imbuir num mundo não cristão os ideais de uma ordem superior e mais nobre. Vivendo na colônia do tempo, somos essencialmente responsáveis diante do império da eternidade. Como cristãos, jamais devemos resignar nossa suprema lealdade a nenhum costume ou ideia limitados pelo tempo e pela terra, pois no coração do nosso universo existe uma realidade superior — Deus e seu reino de amor — à qual devemos nos conformar.

Esse mandamento de não nos conformarmos vem não somente de Paulo, mas também do nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo,

o não conformista mais dedicado do mundo, cuja não conformidade ética ainda desafia a consciência da humanidade.

Quando uma sociedade afluenta nos convence a acreditar que a felicidade consiste no tamanho de nossos automóveis, na imponência de nossas casas e no preço de nossas roupas, Jesus nos lembra: “A vida do homem não consiste na abundância das coisas que ele possui”.

Quando cedemos à tentação de um mundo abundante em promiscuidade sexual e enlouquecido por uma filosofia de autoexpressão, Jesus nos diz que “qualquer que olhar para uma mulher e cobiçá-la, já cometeu adultério com ela em seu coração”.

Quando nos recusamos a sofrer pela retidão e escolhemos seguir o caminho do conforto e não da convicção, ouvimos Jesus dizer: “Abençoados são os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino do céu”.

Quando nós, em nosso orgulho espiritual, nos gabamos de ter atingido o pico da excelência moral, Jesus adverte: “Os publicanos e as prostitutas entram antes de vós no reino de Deus”.

Quando nós, com um distanciamento sem compaixão e um individualismo arrogante, deixamos de responder às necessidades dos desfavorecidos, o Mestre diz: “Quando o fizestes ao menor destes meus irmãos, a mim o fizestes”.

Quando permitimos que a centelha da vingança em nossa alma inflame o ódio contra nossos inimigos, Jesus ensina: “Amái os vossos inimigos, abençoai os que vos amaldiçoam, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos tratam com maldade e vos perseguem”.

Em todos os lugares e em todos os momentos, a ética do amor de Jesus é uma luz radiante revelando a feiura da nossa conformidade estagnada.

Apesar dessa exigência imperativa de viver de maneira diferente, cultivamos uma mentalidade de massa e passamos do

extremo do individualismo radical para o extremo ainda maior do coletivismo radical. Não somos criadores da história, somos criados pela história. Longfellow disse: “Neste mundo, um homem deve ser uma bigorna ou um martelo”, o que significa moldar a sociedade ou ser moldado por ela. Quem duvida que hoje a maior parte dos homens é a bigorna e é moldada pelos padrões da maioria? Ou, para mudar a metáfora, as pessoas — e os cristãos em particular — são, em sua maioria, termômetros que indicam ou registram a temperatura da opinião predominante, não termostatos que transformam e regulam a temperatura da sociedade.

O maior e mais terrível temor de muitas pessoas é assumir uma posição que se destaque nítida e claramente da opinião predominante. A tendência da maioria é adotar uma visão tão ambígua que inclua tudo, e tão popular que inclua todos. Somado a isso, vem crescendo um culto desmedido à grandeza. Vivemos numa era de “gigantismo”, em que os homens encontram segurança no que é grande e extenso — grandes cidades, grandes edifícios, grandes corporações. Esse culto ao tamanho fez muitos terem medo de ser identificados com uma ideia minoritária. Não são poucos os que acalentam ideais nobres e elevados e os escondem embaixo do tapete por medo de serem chamados de diferentes. Muitos brancos sinceros no Sul são pessoalmente contra a segregação e a discriminação, mas se sentem apreensivos quanto a serem condenados em público. Milhões de cidadãos vivem uma profunda preocupação com o fato de o complexo industrial-militar muitas vezes moldar a política nacional, mas não querem ser considerados antipatrióticos. Incontáveis americanos leais acreditam de verdade que um organismo mundial como a Organização das Nações Unidas deveria incluir até a China Vermelha, mas temem ser chamados de simpatizantes dos comunistas. Uma legião de pessoas ponderadas reconhece

que o capitalismo tradicional deve passar por mudanças contínuas para que nossa grande riqueza nacional seja distribuída de maneira mais equitativa, mas temem que suas críticas as façam parecer antiamericanas. Inúmeros jovens saudáveis e decentes se deixam envolver em atividades prejudiciais, que eles mesmos não aprovam ou não apreciam, por vergonha de dizer “não quando o grupo diz ‘sim’”. *Poucas* pessoas têm a audácia de expressar em público suas convicções, enquanto *muitas* se deixam ser “astronomicamente intimidadas”!

A conformidade cega nos torna tão desconfiados de um indivíduo que insiste em dizer no que de fato acredita que somos implacáveis ao ameaçar suas liberdades civis. Se um homem que acredita intensamente na paz for louco o suficiente para exibir um cartaz numa manifestação pública, ou se um branco do Sul que acredita no sonho americano da dignidade e do valor da personalidade humana ousar convidar um negro para ir à sua casa e se aliar a ele em sua luta pela liberdade, ele pode ser intimado por um órgão de investigação legislativa. Porque qualquer um que defenda a causa da irmandade humana com certeza será um comunista!

Thomas Jefferson escreveu: “Jurei no altar de Deus hostilidade eterna contra toda forma de tirania sobre a mente do homem”. Para os conformistas e aqueles que moldam a mentalidade conformista, sem dúvida isso deve parecer uma doutrina perigosa e radical. Será que permitimos que a luz do pensamento independente e do individualismo ficasse tão fraca que, se Jefferson escrevesse e vivesse de acordo essas palavras hoje em dia, encontraríamos motivos para assediá-lo e investigá-lo? Se os americanos permitirem que o controle do pensamento, o controle dos negócios e o controle da liberdade continuem, certamente seremos envolvido pelas sombras do fascismo.

II

Em nenhum outro lugar a tendência trágica ao conformismo é mais evidente do que na Igreja, uma instituição que muitas vezes serviu para cristalizar, conservar e até abençoar os padrões da opinião da maioria. As sanções de outrora da Igreja à escravidão, à segregação racial, à guerra e à exploração econômica são um testemunho de que a essa instituição deu mais ouvidos às autoridades do mundo que à autoridade de Deus. Chamada para ser a guardiã moral da comunidade, em alguns momentos a Igreja preservou o que é imoral e antiético. Chamada para combater os males sociais, permaneceu em silêncio atrás dos seus vitrais. Chamada para liderar os homens no caminho da irmandade e a convocá-los a se elevarem acima dos estreitos limites de raça e classe, ela enunciou e praticou a exclusividade racial.

Nós, pregadores, também fomos tentados pelo aliciante culto da conformidade. Seduzidos pelos símbolos de sucesso do mundo, medimos nossas realizações pelo tamanho do nosso presbitério. Nós nos tornamos artistas de palco para agradar aos caprichos e aos humores do povo. Fazemos sermões reconfortantes e evitamos dizer no púlpito qualquer coisa que possa perturbar a visão respeitável dos membros acomodados das nossas congregações. Será que nós, ministros de Jesus Cristo, sacrificamos a verdade no altar de nossos próprios interesses e, como Pilatos, cedemos nossas convicções às demandas da multidão?

Precisamos recuperar o brilho do evangelho dos primeiros cristãos, que eram não conformistas no sentido mais verdadeiro da palavra e se recusavam a moldar seu testemunho segundo os padrões mundanos da sociedade. Eles sacrificaram a fama, a fortuna e a própria vida em favor de uma causa que sabiam ser correta. Pequenos em termos numéricos, eles foram qualitativamente gigantes. O poderoso evangelho que pregavam pôs fim a males

bárbaros, como o infanticídio e as lutas sangrentas de gladiadores. No fim, capturaram o Império Romano para Jesus Cristo.

Aos poucos, no entanto, a Igreja tornou-se tão arraigada à sua riqueza e ao seu prestígio que começou a diluir as firmes exigências do evangelho e a se conformar com os caminhos do mundo. E, desde então, a Igreja tem sido uma trombeta fraca e ineficaz produzindo sons incertos. Se a Igreja de Jesus Cristo quiser recuperar mais uma vez seu poder, sua mensagem e seu toque autêntico, precisará estar em conformidade apenas com as exigências do evangelho.

A esperança de um mundo seguro e habitável recai sobre não conformistas disciplinados que se dediquem à justiça, à paz e à fraternidade. Os pioneiros da liberdade humana, acadêmica, científica e religiosa sempre foram não conformistas. Em qualquer causa relacionada ao progresso da humanidade, deposite sua fé no não conformista!

Em seu ensaio “Self-Reliance” [Autossuficiência], Emerson escreveu: “Seja quem for o homem, ele deve ser um não conformista”. O apóstolo Paulo nos lembra que, seja quem for o cristão, ele também deve ser um não conformista. Qualquer cristão que aceitar cegamente as opiniões da maioria e, por medo e timidez, seguir o caminho da conveniência e da aprovação social será um escravo mental e espiritual. Marque bem estas palavras de James Russell Lowell:

*They are slaves who fear to speak
For the fallen and the weak;
They are slaves who will not choose
Hatred, scoffing, and abuse,
Rather than in silence shrink
From the truth they needs must think;
They are slaves who dare not be
In the right with two or three.⁶*

6 Em tradução livre: “São escravos que têm medo de falar / Pelos caídos e pelos fracos; / São escravos que não escolherão / Ódio, escárnio e abuso, /

III

O não conformismo em si, no entanto, pode não ser necessariamente bom, e às vezes não tem nenhum poder transformador nem redentor. O não conformismo em si não contém a salvação, e em algumas circunstâncias pode representar pouco mais que uma forma de exibicionismo. Paulo, na segunda metade do texto, oferece uma fórmula para o não conformismo construtivo: “Transformem-se pela renovação da sua mente”. O não conformismo é criativo quando é controlado e dirigido por uma vida transformada, e é construtivo quando adota uma nova perspectiva mental. Ao abrir nossa vida a Deus em Cristo, nós nos tornamos novas criaturas. Essa experiência, à qual Jesus se referiu como o novo nascimento, é essencial para que nos transformemos em não conformistas e sejamos libertados do coração frio e da presunção da verdade que com tanta frequência caracterizam o não conformismo. Alguém disse: “Adoro reformas, mas odeio reformistas”. Um reformista pode ser um inconformista não transformado, cuja rebelião contra os males da sociedade o deixou irritantemente rígido e irracionalmente impaciente.

Apenas por meios de uma transformação espiritual interna é que ganhamos força para combater de maneira vigorosa os males do mundo com um espírito humilde e amoroso. Além disso, o não conformista transformado nunca cede à paciência passiva, que é uma desculpa para não fazer nada. E essa mesma transformação o poupa de falar palavras irresponsáveis que não dão margem à reconciliação e de fazer julgamentos precipitados cegos à necessidade do progresso social. Ele reconhece que a mudança social

Em vez de em silêncio se encolher / Da verdade que devem considerar; / São escravos que não ousam estar / Do lado certo com dois ou três”. (N.T.)

não ocorrerá da noite para o dia, mas trabalha como se fosse uma possibilidade iminente.

Este momento da história precisa de um círculo dedicado de não conformistas transformados. Nosso planeta oscila à beira da aniquilação atômica; sentimentos perigosos de orgulho, ódio e egoísmo estão entronizados em nossa vida; a verdade jaz prostrada nas encostas escarpadas de calvários sem nome; e os homens reverenciam falsos deuses do nacionalismo e do materialismo. A salvação de nosso mundo da destruição iminente virá não pela adaptação complacente da maioria conformista, mas pela inadaptação criativa de uma minoria não conformista.

Há alguns anos o professor Bixler nos lembrou do perigo de sobrecarregar a vida bem ajustada. Todos desejam intensamente ser bem ajustados. É claro que devemos estar bem ajustados para evitar personalidades neuróticas e esquizofrênicas, mas há algumas coisas em nosso mundo às quais os homens de boa vontade devem se sentir desajustados. Confesso que não pretendo jamais me ajustar aos males da segregação e aos efeitos incapacitantes da discriminação, à degeneração moral do fanatismo religioso e às consequências corrosivas do sectarismo estrito, às condições econômicas que privam os homens de trabalho e comida, às insanidades do militarismo e aos efeitos autodestrutivos da violência física.

A salvação humana está nas mãos dos desajustados criativos. Hoje precisamos de homens desajustados como Sadraque, Mesaque e Abednego, que, quando ordenados pelo rei Nabucodonosor a se curvar diante de uma imagem de ouro, disseram em termos inequívocos: “Se assim o for, nosso Deus a quem servimos é capaz de nos livrar da fornalha de fogo ardente [...]. Mas se não o for [...] não serviremos aos teus deuses”; como Thomas Jefferson, que, em uma época ajustada à escravidão, escreveu: “Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de cer-

tos direitos inalienáveis, que entre eles estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade”; como Abraham Lincoln, que teve a sabedoria de discernir que esta nação não poderia sobreviver meio escravizada e meio livre; e supremamente como nosso Senhor, que, em meio à intrincada e fascinante maquinaria militar do Império Romano, lembrou a seus discípulos que “todos os que lançarem mão da espada hão de perecer com a espada”. Com todo esse desajuste, uma geração já decadente pode ser convocada para essas coisas que contribuem para a paz.

A honestidade me impele a admitir que o não conformismo transformado, que é sempre custoso e nunca muito confortável, pode implicar uma caminhada pelo vale da sombra do sofrimento, a perda de um emprego ou a indagação por uma filha de seis anos: “Papai, por que você tem de ir tanto pra cadeia?”. Mas estamos seriamente enganados ao pensar que o cristianismo nos protege da dor e da agonia da existência mortal. O cristianismo sempre insistiu em que a cruz que carregamos precede a coroa que usamos. Para ser cristão, é preciso pegar sua cruz, com todo seu conteúdo pleno de dificuldades, agonias e tragédias, e carregá-la até que a própria cruz deixe suas marcas e nos redima para o caminho de mais excelência que só vem com o sofrimento.

Nesses dias de confusão mundial, há uma necessidade urgente de homens e mulheres que lutem corajosamente pela verdade. Precisamos de cristãos que ecoem as palavras que John Bunyan disse a seu carcereiro quando, depois de ter passado doze anos na prisão, lhe foi prometida a liberdade se ele concordasse em parar de pregar:

Mas, se nada for feito, a menos que eu faça da minha consciência um açougue e um matadouro permanentes, a menos que, arrancando meus olhos, eu confie nos cegos para me guiar, como duvido que alguns desejem, determinei, sendo o Deus Todo-Poderoso minha ajuda e meu escudo, ainda que para sofrer, se a vida frágil puder continuar por

muito tempo, até que o musgo cresça nas minhas sobrancelhas, prefiro isso a violar minha fé e meus princípios.

Devemos fazer uma escolha. Continuaremos a marchar sob as batidas ritmadas do conformismo e da respeitabilidade ou, ouvindo o ritmo de um tambor mais distante, caminharemos sob o eco de seus sons? Marcharemos apenas pela música do tempo ou, nos arriscando a críticas e abusos, marcharemos pela música da eternidade que salva as almas? Mais do que nunca, hoje somos desafiados pelas palavras de ontem: “Não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação da vossa mente”.

